

Índice

Introdução	9
1. A Identidade Nacional	15
2. As Alianças: a Espanha ou a Inglaterra?	47
3. A Catástrofe	69
4. A Agonia de Um Regime	101
5. A I República	129
6. O Estado Novo	155
7. A Revolução dos Cravos	181
Conclusão	197
Agradecimentos	211

1. A Identidade Nacional

Em finais do século XIX, o rei D. Luís cruzou-se no mar com uns pescadores do Norte de Portugal. Da amurada do iate, perguntou-lhes se eram portugueses. A resposta veio célere: «Nós outros? Não, meu Senhor! Nós somos da Póvoa do Varzim.»¹ Para eles, a pátria era o sítio onde haviam nascido. Eis o que, muitos anos depois, a propósito do envio de tropas portuguesas para combater na I Grande Guerra, o jornal *O Dia* publicava: «Para muitos [soldados], a Pátria nem sequer é Portugal: é a casinha de adobo ou de tijolo, o porquinho, a feira da terra. Ataquem-lhes esse palmo de propriedade e eles o defenderão com unhas e dentes. Por cinco minutos de água no seu torrão farão uma morte. Mas a noção de uma Pátria maior só confusamente a terão.»²

Nasci e cresci a ouvir falar de uma coisa chamada nação. Aparentemente simples, o «Tudo pela Nação nada contra a Nação» era, para mim, incompreensível. Só muitos anos depois, percebi que este *slogan* significava a vontade de um homem, Salazar, que se atribuíra a missão de destruir os partidos políticos em Portugal. À nação cumpriria salvar o país, derrubando os ideais que, após a Revolução de 1820, o haviam levado à «desgraça». Presumidamente incumbido pela Providência de dar um novo rumo a Portugal,

1 J. Mattoso, *A Identidade Nacional*, Lisboa, Fundação Mário Soares/Gradiva, 1998, p. 14. A história é apócrifa, mas este historiador relata-a por a julgar verosímil.

2 *O Dia*, 11.12.1916, citado em Manuel Carvalho, *A Guerra que Portugal Quis Esquecer: O Desastre do Exército Português em Moçambique na Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, Porto Editora, 2015, p. 48.

com base na nação «una e eterna», não admitia que os adversários fossem ouvidos³. Em 28 de Maio de 1936, por ocasião das comemorações do X aniversário do golpe militar que permitira a sua ascensão ao poder, Salazar fez um discurso em Braga, no qual afirmou: «Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever.»⁴

Ora, eu queria discutir tudo aquilo e muito mais. Durante a adolescência percebi que Salazar havia transformado o meu país num local infecto. Só mais tarde li o poema de Jorge de Sena, intitulado «Portugal», que começa assim: «Esta é a ditosa pátria minha amada. Não. /Nem é ditosa, porque o não merece. /Nem minha amada, porque é só madrasta. /Nem pátria minha, porque eu não mereço /A pouca sorte de nascido nela.»⁵ Embora não com esta ferocidade, era assim que, durante muito tempo, senti a minha relação com o sítio onde nascera.

Durante a infância, a minha «pátria» era minúscula, uma vez que, além do Chiado, onde ia fazer compras com a minha mãe, apenas me eram familiares as ruas situadas entre a Rua Rodrigo da Fonseca, onde vivia, e a Rua Artilharia 1, onde ficava o meu colégio. Não lia jornais, nem ouvia rádio. Se, aos doze anos, me tivessem perguntado qual a minha nacionalidade teria respondido, apenas por ser isso que constava do Bilhete de Identidade, que era portuguesa: o facto não tinha para mim qualquer significado. Apesar de viver num país de emigração tradicional, não tinha familiares que se tivessem radicado em África, no Brasil ou em França. Até aos sete anos, a pátria significava aquela estátua a cair aos bocados, com a «Barriga Rota», como eu gostava de chamar à decadente «Soberania», esculpida por Leopoldo de Almeida para a exposição que, em 1940, Salazar inventara para causar inveja a uma Europa em guerra.

3 A. Oliveira Salazar, *Discursos*, Coimbra Editora, 1935, vol. I, p. 323. Discurso proferido no Palácio da Bolsa, no Porto, em 28 de Abril de 1934.

4 *Idem*, vol. II, 1937, p. 130. Discurso proferido da varanda do quartel de Infantaria 8, em Braga.

5 Jorge de Sena, *Tempo de Peregrinatio ad Loca Infecta* (1959-1969), em *40 Anos de Servidão*, Lisboa, Edições 70, 1989. O poema data de 1961 mas só postumamente foi editado.

No Verão, a minha vida alargava-se a uma vila aristocrática, Cascais, onde passava parte das férias grandes, e à quinta do meu avô para onde, uma vez terminada a época dos banhos, ia acompanhada da minha irmã Isabel e da minha prima Ana. Sabia que havia países onde os meus pais tinham passado férias, mas nada do que eles terão pensado sobre a Dinamarca, por exemplo, fizera parte das nossas conversas. O facto de o meu pai sempre ter gostado de usar sobretudo de pelo de camelo levou-me a pensar que a Inglaterra, país que ele já visitara, devia ser uma terra agradável, mas, na altura, outras coisas me interessavam, tais como atrair a atenção dos rapazes com quem convivia. E estes eram, como eu, portugueses.

Houve todavia uma excepção. Muito antes, teria eu quatro anos, conhecera um miúdo de origem estrangeira, o Clive Gilbert, com quem gostava de brincar no Parque Eduardo VII. Seja por este andar sempre aos pulos ou por pertencer a uma família anglicana — a segunda hipótese é a mais provável —, a minha mãe depressa tentou pôr termo à minha amizade com o «Cavalai» (como eu lhe chamava)⁶. No colégio, não havia meninas de outras nacionalidades e, se exceptuar duas raparigas de origem goesa, as outras eram tão brancas quanto eu.

Apesar de ter passado a instrução primária a olhar uns mapas concebidos pelo Estado Novo, onde se via o Império Português sobreposto à Europa, isso não afectou o meu espírito. A certa altura, imaginei que algumas daquelas terras deveriam ser povoadas por negros, uma vez que, na entrada de casa dos meus pais, havia um pretinho de barro, com uma racha no colo, através da qual se esperava que as pessoas que nos visitavam deixassem uma moeda. Quando esta caía sobre a lingueta situada em baixo, o «pretinho da Guiné» abanava a cabeça em sinal de agradecimento. Claro que dos pretos verdadeiros eu nada sabia.

Em 1956, com 13 anos, fui a Espanha com duas freiras e umas raparigas da minha turma. Apesar de andar encantada com uma saia azul com quadrados verdes que comprara, por dez tostões de mel coado, nos Preciados, reparei no número de mendigos que por ali

6 A sua família estava ligada à Fábrica de Loiça de Sacavém, fundada em 1850. Ver o livro comemorativo, *Sacavém, A Outra Loiça*, Lisboa, 2019.

estendiam a mão. Como na cidade onde eu nascera isso também sucedia, não dei à coisa demasiada importância. O mesmo não sucedeu quando, dois anos depois, fui de novo a Madrid com os meus pais e irmãos. Talvez por então ser mais crescida, notei a devastadora pobreza espanhola e concluí que a Espanha era pior do que o meu país.

Em 1960, o meu pai declarou que tencionava ir connosco — éramos agora quatro filhos — passar as férias a Torremolinos, uma estância balnear no Sul de Espanha que depois se tornaria famosa. Como íamos de carro, parámos em muitas aldeias. Mal estacionávamos, éramos assaltados por mulheres, vestidas de negro, berrando coisas incompreensíveis. O meu pai falava-me do Império Português, mas eu queria lá saber do que tinha acontecido no século XVI, quando o Reino Lusitano era «quase cume da cabeça/de Europa toda...»⁷ O que via diante de mim era deprimente. Foi por esta altura que comecei a suspeitar que o mundo não se reduzia àquele que conhecia. Bastava-me folhear as revistas francesas que a minha mãe comprava na Livraria Férin para observar gente mais elegante do que aquela com quem me cruzava todos os dias.

Aos 19 anos, passei a ir todos os dias à Baixa Pombalina, onde arranjei emprego. Os meus horizontes alargaram-se. Gostei do que vi. De um burgo medieval, Lisboa transformara-se, após o terramoto de 1755, numa cidade à qual o Marquês de Pombal impusera fachadas sóbrias, de alturas semelhantes e com ruas paralelas. O resultado estava ali, diante de mim, nas três vias paralelas: a Augusta, com o seu arco majestoso, a do Oiro, com a maior quantidade de edifícios originais, e a da Prata, menos interessante. Quase todas as cidades que amo — Edimburgo, Roma, Veneza — têm um centro de onde lhes vem a energia: o mesmo sucede em Lisboa. Com uma diferença: o Terreiro do Paço é a única praça que se abre sobre a foz de um grande rio.

Na madrugada de 25 para 26 de Agosto de 1988, acordei, estonteada, com a notícia de que o Chiado estava a arder. Como muitos lisboetas, há muito que deixara de frequentar o local. Víamos as antiquadas lojas de rés-do-chão sem nos inquietarmos com o que se passava nos 4.^{os} andares e olhávamos, com perigosa indiferença, os

⁷ *Os Lusíadas*, Canto III, 20.

blocos de cimento que o Presidente da Câmara mandara pôr na Rua do Carmo. Mas os lisboetas sentiram o incêndio — que destruiu 30 imóveis — como um drama.

A província nunca me despertou curiosidade. Uma vez que todos os meus amigos eram lisboetas, não havia qualquer motivo para ali me deslocar. Até 1974, apenas uma vez fui ao Porto. Foi em 1957, no âmbito de uma excursão organizada pelo colégio das Doroteias a fim de vermos a rainha Isabel II. Ficámos alojadas no Colégio do Sardão, perto de Vila Nova de Gaia, pelo que da cidade pouco vimos. A única coisa que recordo são as conversas idiotas sobre a beleza do duque de Edimburgo. Depois da Revolução de 1974, fui duas vezes ao Porto a fim de consultar na Biblioteca Municipal os jornais operários que não existiam na Biblioteca Nacional. Apenas me lembro do vizinho Jardim de S. Lázaro e da denominada Cooperativa dos Pedreiros, onde fiquei alojada. Subitamente, descobri que conhecia melhor Londres, Madrid e Paris do que o Porto.

Um dia, um transmontano meio genebrino ofereceu-se para me mostrar os Açores e o Norte do país. Com as suas ilhas, tão diferentes e todas tão belas, os Açores conquistaram-me imediatamente. Ali voltei em múltiplas ocasiões. Foi até sobre um grande senhor açoriano que escrevi o meu livro preferido, *Os Cantos*. Do Norte de Portugal, gostei do planalto do Barroso, onde dormi numa cabana construída à base de toros de madeira. O meu entusiasmo por Montalegre e pelas aldeias vizinhas foi tal que decidi pôr à venda a minha casa em Lisboa, a fim de passar a viver no meio de uma floresta de carvalho. Ia o projecto a meio de concretização, quando me recordei que tinha medo de serpentes. Não, o campo não era para mim.

Em 1994, quando o país fazia já parte da União Europeia, decidi ultrapassar, sem passaporte, a linha geográfica atravessada «a salto» pelos camponeses a quem a miséria e a guerra colonial tinham dado coragem para contornar a interdição oficial de sair do país⁸. Escolhi um dos mais bonitos locais do Norte, a fronteira da Portela do Homem. Entrei na Galiza sem dar por isso. No regresso, fiz uma paragem em Tourém, uma espécie de dedo português em território espa-

8 O regime salazarista não autorizava a saída para o estrangeiro de homens com idade de serem recrutados para o combate em África.